



## O ALVORECER DE UMA NOVA ESPERANÇA: A ASCENSÃO DO IMPÉRIO PERSA E A LIBERTAÇÃO DE ISRAEL

Mariana Aparecida Venâncio<sup>º</sup>  
Geraldo Dondici Vieira<sup>º</sup>

### RESUMO

O presente estudo discorre sobre a situação de Israel nos anos finais do exílio na Babilônia e no período inicial da dominação persa. A ascensão da Pérsia e a forma como Ciro, o Grande, conquistou a Babilônia, contribuíram para que Israel o reconhecesse como um libertador enviado por YHWH. A vitória dos persas sobre os babilônios pôde concretizar-se não só devido ao poderio militar do império ascendente, mas também porque sucessivos problemas internos na Babilônia prejudicaram sua unidade. À luz dos textos bíblicos do *Dêutero-Isaiás*, obra de um profeta anônimo cuja atividade situa-se nos anos finais do exílio, é possível compreender este tempo significativo para a História de Israel. Comparada ao fim do cativeiro do Egito, a saída da Babilônia pode ser compreendida como um Novo Êxodo. A política de tolerância religiosa adotada pela Pérsia possibilitou o retorno dos judeus à sua terra e a tentativa de reconstrução de sua religião. Tais eventos, situados no século VI a.C., são de grande importância para a compreensão da tradição judaica e para a consolidação do Judaísmo como a religião que hoje se pode conhecer.

**Palavras-chave:** Judaísmo. Exílio. *Dêutero-Isaiás*. Ciro. Pérsia.

### INTRODUÇÃO

*“A minha justiça eu a trouxe para perto, ela não está longe;  
a minha salvação não há de tardar.” (Is 46,13)<sup>1</sup>*

O século VI a.C. é marcado na história pela ascensão do primeiro maior Império mundial: o Império Persa. Sob o comando de Ciro, o Grande, a Pérsia, que antes era uma pequena tribo subordinada ao poderio da Média, tornou-se rapidamente uma grande

<sup>º</sup> Graduanda em Teologia pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF). E-mail: mari\_aparecidav@hotmail.com

<sup>º</sup> Mestre em Ciências Bíblicas (Pontifício Instituto Bíblico de Roma). Doutor em Teologia Bíblica (Instituto Santo Inácio de Belo Horizonte). Docente do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora. E-mail: geraldovieira@puccinas.cesjf.br

<sup>1</sup> Para as citações bíblicas, escolhemos utilizar a tradução da Bíblia de Jerusalém: BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Nova edição rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2002.

potência, através de sucessivas conquistas territoriais na região do Oriente Próximo, sempre marcadas pela benevolência de seu soberano, que prezava pela liberdade dos povos dominados. A notícia da expansão persa chegou à Babilônia junto à certeza da conquista que não tardaria a acontecer com a chegada de Ciro e seu exército. No entanto, o que significou ruína para Nabônides, Rei da Babilônia desde 556, foi motivo de esperança de libertação para um povo há muito submetido ao jugo do exílio e da escravidão, e ao qual o vislumbre da liberdade e do retorno à pátria já quase se extinguiu. Israel reconheceu em Ciro a possibilidade do retorno à sua terra, da reconstrução de seu Templo e do reestabelecimento de seu trono, depositando nele a confiança advinda da fé em um Messias, um enviado de YHWH<sup>2</sup> para libertar e salvar.

O objetivo do presente estudo é destacar a importância do período persa para a história de Israel e para o Judaísmo, uma vez que, por vezes, na análise do conjunto dos escritos hebraicos, tal época recebe pouca atenção por parte de muitos leitores e estudiosos bíblicos. A organização da *Bíblia Hebraica* se dá de forma que a centralidade teológica dos escritos esteja na figura de Moisés e no evento da saída do Egito. O episódio do Êxodo esteve desde a origem de Israel entranhado em sua tradição, guardado na memória das diversas gerações, transmitidos pela tradição oral e depois escrita, permanecendo ainda hoje, tanto para o Judaísmo como para o Cristianismo, como um dos episódios principais da Aliança de Deus com seu povo. Citado e lembrado nos diversos livros da *Bíblia Hebraica*, o evento Êxodo por vezes desvia a atenção de outro evento, também muito importante na história de Israel, que pode ser identificado como um Novo Êxodo: a libertação do cativo da Babilônia. O *Dêutero-Isaias* releu, à luz do antigo, este novo cativo, relacionando a saída do Egito ao êxodo da Babilônia e identificando Ciro como um novo libertador.

Erhard Gerstenberger, na obra *Israel no tempo dos Persas* (2014), pondera o seguinte:

Os dois séculos nos quais o mundo antigo entre o Egito e a Índia estava sob o domínio dos grandes reis persas (539-331 a.C.) foram decisivos em muitos aspectos para o povo de Israel, ou melhor, para o judaísmo nascente. (...) E os conhecimentos então sedimentados, os valores então vividos, as formas litúrgicas e comunitárias então construídas influenciaram fortemente o judaísmo rabínico posterior, os movimentos cristãos que dele surgiram e o Islã (GERSTENBERGER, 2014, p. 15).

O *Pentateuco* e a obra histórica deuteronomista, de redação contemporânea aos anos finais do exílio babilônico não mencionam os persas. Isto se deve, provavelmente, ao interesse de fixar principalmente suas tradições antigas para motivar e orientar o presente.

---

<sup>2</sup> Neste artigo, serão grafadas apenas as iniciais do nome divino.



Restaram assim, poucos livros da *Bíblia*, posteriores a estes últimos, dispostos a contar o período determinante para Israel que foi o tempo da dominação persa. Apenas 5,39% da *Bíblia Hebraica* dedica-se a este tempo que se revela tão decisivo e central para a religião judaica. Dentre tais escritos, podemos citar *Esdras*, *Neemias*, *Ageu*, *Zacarias* e, principalmente, o *Dêutero-Isaías*, ao qual este estudo dedicará maior atenção.

## CIRO, O REI DA PÉRSIA

*“Suscitei-o do Norte e ele veio,  
desde o Oriente foi chamado pelo seu nome.” (Is 41,25)*

A maior ameaça à Babilônia no início do século VI a.C. era a Média, liderada por Astíages. Uma pequena alegria irrompeu para Nabônides, rei da Babilônia, quando recebeu a notícia de uma revolta que ameaçava o trono medo. Ciro, o persa, filho de Cambises, havia chegado ao trono de Anshan, terra persa-elamita submetida ao poderio de Astíages, por volta de 557, por ocasião da morte de seu pai. Já em 553 se tinham notícias da batalha empreendida contra a Média, que, segundo as fontes históricas, teve êxito a partir de uma desestabilidade interna no estado medo, da qual Ciro se aproveitou. Ciro então, tomou a cidade de Ecbátana, levou todas as suas riquezas para Anshan e destronou Astíages, tomando o vasto território medo.<sup>3</sup>

Ao perceber o triunfo de Ciro após sua campanha bem sucedida contra a Média, Nabônides, na esperança de proteger seu reinado e seu território, fez algumas alianças com Amasis, faraó do Egito e com Cresos, rei da Lídia. No entanto, suas tentativas foram falhas, pois logo Ciro empreendeu uma série de campanhas que consolidariam a Pérsia como o primeiro Império mundial. Avançou contra a Lídia em 546 e contra todas as cidades gregas do litoral, anexando ao seu poderio todos estes territórios até 540. Também tomou toda a Alta Mesopotâmia e tinha sob seu domínio a maior parte da Ásia Menor até o mar Egeu.

Concomitante a estes eventos, a fama de Ciro se espalhava por toda a região, por um lado, como ameaça aos tronos ainda não submetidos, por outro lado, comunicando a fama que havia construído como rei forte, poderoso, bem sucedido e também bondoso, compassivo e tolerante. Seu reinado foi conhecido principalmente pela tolerância religiosa, mas também pela benevolência para com os povos conquistados: não mantinha

<sup>3</sup> Maiores esclarecimentos sobre a história do Império Persa podem ser encontrados em: BRIGHT, John. **História de Israel**. 9. ed. São Paulo: Paulus, 2003. STEINMANN, J. **O livro da consolação de Israel e os profetas da volta do Exílio**. São Paulo: Edições Paulinas, 1976.

escravos e poupava o maior número possível de vidas – até mesmo Astíages foi tratado com dignidade. Jean Steinmann, na obra *O livro da Consolação de Israel e os profetas da volta do Exílio* (1976), assinala:

Ciro não somente respeita os vencidos, sua língua, suas instituições, sua religião e seus bens, mas, embora estabelecendo solidamente seu poder, quer que este apareça liberal e libertador. Evita os massacres, os incêndios e as deportações. Política de anexação que contrasta absolutamente com a crueldade das conquistas assírias e mesmo babilônicas. Xenofonte se engana, narrando a morte do “rei ímpio”; confunde Baltazar com Nabonide. A figura, porém, que ele retrata de Ciro, em Babilônia é exata: um general que gosta de rir, diante do qual seus velhos companheiros conservam sua liberdade de falar, um chefe que, de sua lealdade, sabe fazer sua melhor astúcia (STEINMANN, 1976, p.56).

Assim, à medida que o Império Persa tomava grandes proporções, crescia também a fama de Ciro, agregando a si, histórias e lendas sobre a origem de sua bravura. Tom Holland, no livro *Fogo Persa* (2008), narra a lenda por detrás do nascimento de Ciro. Segundo a antiga história, Astíages, rei da Média, havia tido um sonho, interpretado por seus magos como o presságio de que um de seus netos poderia vir a tomar seu trono, e colocar em risco o poderio medo. Assim, quando sua filha Mandane deu à luz, Astíages mandou que seu neto fosse assassinado. Como esperado, sua ordem foi desobedecida e o menino foi abandonado na encosta de uma montanha. Ciro então sobreviveu, cresceu e prosperou. Um detalhe importante que compõe a história é que Harpago, o encarregado do assassinato de Ciro que salvou-lhe a vida, severamente castigado por Astíages quando da descoberta do acontecido, foi o protagonista da traição interna que levou à derrota de Astíages e sua entrega a Ciro. Para além da lenda extravagante, o fato é que “é da natureza de um grande homem atrair histórias prodigiosas” (HOLLAND, 2008, 36) e isso certamente se aplicou a Ciro, o Grande.

Com a vastidão do domínio persa, Babilônia estava claramente indefesa e sua aliança com o Egito se dissolveu. Além disso, desde Nabucodonosor, a instabilidade babilônica crescia com uma sucessão de reis que ficavam pouco tempo no poder, até Nabônides (556-539). Seu reinado foi marcado por discórdias religiosas, e os sacerdotes de Marduk já não mais o apoiavam. É isso o que assinala John Bright, em sua *História de Israel* (2003):

Adorando a deusa da luz Sin, como sua mãe, ele favoreceu o culto desta deusa, reconstruiu seu templo em Harã (destruído em 610) e procurou abertamente elevar Sin à suprema posição no panteão babilônico (...). Tais inovações atraíram sobre ele a inimizade de muitos, particularmente dos sacerdotes de Marduk, que o consideravam ímpio (BRIGHT, 2003, p. 423).

Assim, a Babilônia encontrava-se dividida internamente e mal preparada para enfrentar a ameaça persa que apresentava-se como já vitoriosa.



## O NOVO ÊXODO

“As primeiras coisas já se realizaram,  
agora vos anuncio outras, novas.” (Is 42,9)

### O EXÍLIO NA BABILÔNIA

Nabucodonosor marchou contra Judá em 597. Com o exílio do rei Joaquim, a destruição da cidade de Jerusalém e as sucessivas deportações dos anos seguintes, a história de Israel foi marcada definitivamente. Cerca de 15.000 judeus foram exilados e viviam numa situação de escravidão na Babilônia. Embora nos anos iniciais do cativeiro, eles vivessem em comunidades, com suas tradições familiares, trabalhando para o próprio sustento e preservando suas práticas religiosas, à medida que os anos se passaram, a opressão aumentou e a esperança do retorno à sua terra foi aos poucos diminuindo. Júlio Zabatiero destaca em *Servos do Império* (1988) qual era a situação dos exilados na Babilônia após algum tempo no cativeiro:

(...) (1) vários deles haviam conseguido se tornar escravos/senhores, chegando a formar fortuna, e a fazer parte da “elite” econômica na Babilônia; (2) a fé em Javé já não era tão importante. Afinal, os deuses da Babilônia haviam “derrotado” a Javé, e este não fora capaz de reverter a sua situação. Comparados às grandes festas religiosas dos deuses babilônicos, os cultos dos judeus eram insignificantes; (3) de fato, muitos judeus já não mais queriam a Javé como o seu Deus. Javé lhes parecia impotente diante dos deuses babilônios, os quais, por sua vez, haviam “promovido” bom número de judeus a uma condição econômica privilegiada; (4) estes privilegiados já não tinham muito interesse em retornar a Jerusalém, uma capital em ruínas, de uma nação inexistente. Não lhes interessava recomeçar suas vidas, em condições adversas; (5) os judeus nascidos no exílio pouco sabiam acerca de Javé. Provavelmente, também pouco se interessavam por um deus derrotado, cujo culto resumia-se a reuniões insignificantes. Também não sabiam se valeria a pena sair da Babilônia, ir para uma terra desconhecida e arrasada (ZABATIERO, 1988, p. 39).

Para além de todo o distanciamento religioso de YHWH que o exílio babilônico provocou, é importante salientar que para o judeu exilado em Babilônia, o Deus de Israel ainda não era o Deus libertador, o Deus dos pobres – compreensão que se dará apenas no contexto do processo de libertação –, mas sim o YHWH dos Exércitos, o guardião de Jerusalém que agora havia sido derrotado. O povo exilado não havia conhecido o Deus dos oprimidos, e por isso, não soube resistir à opressão que sofria, perdera o motivo de sua esperança e de sua segurança. A sua tradição cantava as glórias de um Deus poderoso e vingativo, e proclamava Israel como o povo escolhido e eleito, sobre o qual não poderia cair nenhuma maldição. Nisto está uma importante temática do discurso de muitos profetas

anteriores ao exílio, como Amós, Oséias e mesmo o *Primeiro Isaías*: denunciavam a falsa segurança de Israel, que sob o título de povo eleito, distanciavam-se de seu Deus sem preocupar-se com as consequências. Com o choque do exílio, Israel sentiu-se abandonado pelo Senhor, como lembrará o *Dêutero-Isaías*: “Sião dizia: ‘Iahweh me abandonou; o Senhor se esqueceu de mim’” (Is 49, 14). Noli Bernardo Hahn, em *Vozes proféticas em Dêutero-Isaías* (2009), assinala outro importante detalhe: toda a situação de sofrimento e falta de esperança era ainda agravada pelo fato de que “estas pessoas se encontram marcadas por um sentimento de culpa motivado por uma compreensão retributiva: ‘estamos vivendo esta situação no presente, porque fizemos aquilo no passado!’” (HAHN, 2009, p. 31).

À medida que chegam à Babilônia as notícias sobre a ascensão do Império Persa e sobre como as nações sucumbem ao seu poder, um profeta surge entre os exilados, anunciando uma nova esperança de libertação. YHWH se lembrou novamente de seu povo, e o retirará do cativeiro através de seu enviado: Ciro, rei da Pérsia.

#### O PROFETA DA ESPERANÇA: O DÊUTERO-ISAÍAS

O livro de *Isaías*, durante muito tempo, foi entendido pelos pesquisadores bíblicos como sendo obra de um único autor, apesar das diferenças históricas, teológicas e literárias significativas que apresenta. Somente no ano de 1788 há a primeira tentativa de dividir a obra reunida sob o nome de Isaías, um primeiro sinal do reconhecimento dos traços que caracterizam e distinguem de forma clara a composição do livro pelas mãos de vários profetas de épocas e contextos históricos diferentes. José Luís Sicre, em *Profetismo em Israel* (2008) descreve a história desta discussão:

Na investigação crítica do livro de Isaías há duas datas-chave: 1788, quando Döderlein começa a falar do Dêutero-Isaías, profeta anônimo do exílio, ao qual atribui os c. 40-66, e 1892, ano em que Duhm publica seu comentário ao livro de Isaías e rompe a suposta unidade dos c. 40-66, atribuindo-os a dois autores diferentes: 40-55 ao Dêutero-Isaías, 56-66 ao Trito-Isaías. Desde então, é habitual dividir o livro em três grandes blocos: Proto-Isaías ou Isaías I (c. 1-39), Dêutero-Isaías ou Isaías II (c. 40-55), Trito-Isaías ou Isaías III (c. 56-66) (SICRE, 2008, p. 183).

De acordo com seus traços teológicos, históricos e literários, pode-se afirmar que o livro de *Dêutero-Isaías* (cc. 40-55) tem sua origem nos anos finais do exílio na Babilônia. Estes capítulos retratam, além da falta de esperança do povo, que sente-se abandonado e esquecido por seu Deus, também o chamado a uma nova esperança e o anseio pela libertação. Tudo isso motivado pelas notícias sobre o advento de Ciro e a derrota iminente de Nabônides. O *Dêutero-Isaías*, portanto, foi obra de um profeta cujo nome não se





conhece, mas que levantou-se em meio à desesperança de seu povo para anunciar a libertação e a consolação (*naḥam*) para Israel. Nada do que se tem dito a respeito de sua biografia é totalmente seguro, mas é provável que tenha nascido na Babilônia e estado na corte do rei Ciro.

Esta segunda parte do livro de *Isaías* é também conhecida como *Livro da Consolação de Israel*, pelas suas palavras iniciais (cf. Is 40,1) e também pelo fato de que o tema da consolação voltará a ressoar dentre os demais oráculos do profeta. Reconhecido como um dos maiores poetas dentre o conjunto profético da *Bíblia Hebraica*, sua mensagem proclamou a glória de um rei estrangeiro enquanto seu povo ainda era escravo na Babilônia opressora. Por isso, seus escritos ocultaram não somente a identidade do profeta, como também o nome de Ciro, o libertador. Desta forma, seus textos e sua mensagem circularam livremente entre os judeus sob os olhos dos guardas de Nabônides. Segundo os pesquisadores, os folhetos de *Dêutero-Isaías* foram comuns por cerca de 7 anos entre os judeus exilados, sem serem percebidos pelo governo babilônico. Assim, nos cc. 40-43, Ciro permanece anônimo, e somente em 44,28 e 45,1, quando provavelmente, já havia chegado à Babilônia, é que poderá ser nomeado, caracterizado como o enviado de YHWH para libertar e salvar do cativeiro. Neste contexto, a figura de Ciro merece especial atenção. Esperado como libertador do povo, ele torna-se o maior não judeu reverenciado pelos profetas. O único a receber o título de *m<sup>e</sup>shîḥa*, termo que na *Bíblia Hebraica* fora utilizado não só para designar reis e sacerdotes, ungidos e escolhidos para governar o povo, que eram muitas vezes considerados salvadores históricos, como também para indicar o Messias, o libertador universal e escatológico.

#### ÀS VÉSPERAS DA LIBERTAÇÃO: O ANÚNCIO DO NOVO ÊXODO

Para a tradição de Israel, rememorar o passado é fundamental para que se tenha força para enfrentar os desafios presentes e futuros. Neste contexto, o *Dêutero-Isaías* retomará o episódio do êxodo do Egito para demonstrar que, em outros tempos, quando a nação de YHWH fora feita escrava no Egito, Ele esteve ao seu lado com mão forte e braço estendido, e a retirou da escravidão por entre prodígios e sinais, para que, uma vez liberta da opressão, pudesse caminhar pelo deserto e consolidar com o Senhor uma aliança indissolúvel. O profeta, em nome de YHWH, recordará ao povo sofredor do Exílio esta aliança, mostrando que Deus, fiel e compassivo, a honrará, resgatando seu povo mais uma vez e o reconduzindo à sua terra.

Embora a ascensão de Ciro e a derrota iminente da Babilônia tenham sido o momento oportuno para que *Dêutero-Isaías* assumisse essa releitura do passado, Bright destaca que toda a mensagem do profeta depende da ideia que ele mesmo faz de Deus:

Foi ele, realmente, quem deu ao monoteísmo sempre implícito na religião de Israel sua expressão mais clara e mais consistente. Ele retratou Iahweh como um Deus de incomparável poder: criador de todas as coisas sem auxílio ou intermédio, senhor das hostes celestes e das forças da natureza, nenhum poder terrestre lhe poderia resistir e nenhuma semelhança poderia representá-lo (40,12-26). Ele também satirizou com ironia selvagem os deuses pagãos (44,9-20), chamando-lhes pedaços de madeira e de metal (40,19ss; 46,5-7), que nada podiam fazer na história porque *nada eram* (41,21-24). Iahweh é o primeiro e o último, o único Deus, ao lado do qual nenhum outro existe (44,6; 45,18.22; 46,9) (BRIGHT, 2010, p. 425).

Desta forma, o profeta do *Dêutero-Isaías* contribuiu para a consolidação da fé monoteísta de Israel. O poder de YHWH é ilimitado e universal, ele tem controle absoluto sobre tudo. Neste contexto, Ciro só pode ser concebido como um instrumento inconsciente da vontade de YHWH, pois é o Senhor mesmo quem libertará. Nisto está a resposta a um problema teológico surgido nesta época.

Diante de toda a esperança depositada em Ciro, acontece um impasse. Quando Babilônia cair sob o domínio persa e Israel for liberto, a quem se deverá atribuir tal triunfo? A YHWH, que segundo os oráculos proféticos havia suscitado a liderança de Ciro, ou a Marduk, deus babilônico a quem ele mesmo prestava culto? De fato, um texto antigo encontrado num cilindro de argila, atesta a reverência com a qual Ciro se dirigia a Marduk, atribuindo a ele sua vitória:

Ele [Marduk] o fez entrar em Babilônia sem batalha nem combate; ele livrou sua cidade de Babilônia da opressão, entregou em suas mãos Nabônides, rei que não o temia (...). Eu, Ciro, rei do universo (...) quando entrei pacificamente em Babilônia, estabeleci na alegria e no júbilo a sede da soberania no palácio do príncipe. Em mim, Marduk, o grande senhor, adquiriu um coração largo que ama Babilônia (...). Quanto aos cidadãos de Babilônia... que, contrariamente à vontade divina, tinham sido submetidos a um jugo que não era para eles, eu os fiz repousar de sua fadiga e mandei tirar suas amarras de carregadores. (...) Restituí aos seus lugares os deuses que neles tinham habitado e fiz esses deuses residir em moradas perpétuas; reuni todos os seus seguidores e os reenviei para seus lugares (VV. AA., 1985, p. 91).

No entanto, a vitória apresentada pelo *Dêutero-Isaías* é de YHWH, não de Ciro. Isso porque é o Senhor quem conduz a história e utilizou-se de Ciro como mero instrumento. Da mesma forma como no êxodo do Egito, quando Moisés foi instrumento e Deus o autor da façanha. O profeta em resposta, além de exaltar a glória de YHWH, também levanta a voz contra os ídolos e deuses pagãos (cf. 40,12-26; 41,21-29; 44,5-20; 46,1-7). A libertação que o Senhor prepara é uma libertação autêntica e universal, que ultrapassa a libertação





histórica do cativo. Como afirma Alonso Schökel e José Luís Sicre Diaz, em *Profetas I* (2004):

A sua profecia transborda os fatos limitados, porque exprime em símbolos esplêndidos a glória do novo êxodo; os símbolos acolhem a realidade próxima, ultrapassando-a; porque apontam para uma realidade superior, suprema, que será a libertação autêntica, libertação que as outras apenas preparam e prefiguram (SCHÖKEL, 2004, p. 272).

Particularmente nos trechos correspondentes aos cânticos do servo (a saber 42,1-9; 49,1-7; 50,4-11; 52,13-53,12), o livro de Isaías traz uma novidade teológica sem precedentes na Bíblia Hebraica, que é o valor dado ao sofrimento. Israel não reconhecia positivamente nenhum sentido religioso no sofrimento da forma como hoje o Cristianismo concebe. Talvez porque, como já assinalado, a tradição israelita não tenha conhecido, até a época do exílio babilônico, um Deus dos pobres, dos oprimidos, um Deus libertador.

Nestes cânticos atingimos um dos auges teológicos do Antigo Testamento. Nunca até então se havia falado tão claramente do valor redentor do sofrimento. Admitiam-se as dificuldades e contrariedades da vida encontrando nelas um sentido educativo, pedagógico, tencionado por Deus. Mas não se podia imaginar que o sofrimento tivesse um valor redentor em si mesmo. O *Dêutero-Isaías* proclama pela primeira vez que “se o grão de trigo cair na terra e morrer, produz muito fruto”. Não há nada de estranho em a Igreja primeva conceder tão grande valor a estes poemas e ver antecipados neles a existência e o destino de Jesus (SICRE, 2008, p. 313).

A partir deste momento, no entanto, Israel entenderá o valor redentor do sofrimento, fato que se atesta pelos cânticos do Servo em *Dêutero-Isaías*, que muito provavelmente identificam o povo a este Servo Sofredor. Tal compreensão não alcançará, no entanto, o patamar que alcançou no Cristianismo, que reconheceu no sofrimento e na paixão de Jesus Cristo a redenção de toda a humanidade, possibilitando uma releitura cristológica destes cânticos hebraicos.

## O FIM DO EXÍLIO NA BABILÔNIA

*“Cobertos de vergonha recuarão, aqueles que confiam em ídolos, que dizem às suas imagens fundidas: ‘vós sois os nossos deuses’.” (Is 42,17)*

Quando as tropas de Ciro chegaram ao território babilônico, não encontraram grande resistência. Nabônides foi derrotado com facilidade. A vitória parecia já evidente para todos, inclusive para o *Dêutero-Isaías*. Como assinalado, as terras ao norte e leste da Babilônia haviam caído sob o domínio persa, Ciro havia conquistado não somente terras,

mas também aliados e Nabônides já não era mais apoiado por grande parte de seu povo por questões internas. Houve uma batalha decisiva em Opis, na região do Tigre, na qual o exército babilônico foi duramente derrotado pelos persas. Gobrias, governador da província de Elam que havia se tornado aliado de Ciro, foi quem tomou a Babilônia sem qualquer resistência, após a batalha em Opis. Em 539, Ciro entrou triunfalmente na Babilônia, recebido por todos como libertador, o que se atesta não só nas narrativas persas, mas também babilônicas. E como a marca de seu governo, Ciro procedeu da mesma forma como nas demais nações conquistadas: com tolerância religiosa. Bright, neste sentido, destaca:

Nem a Babilônia nem nenhuma outra cidade foram danificadas. Os soldados persas receberam ordens de respeitar a sensibilidade religiosa da população e evitar aterrorizar as pessoas. As condições opressivas foram melhoradas. Os deuses levados para a capital por Nabônides foram devolvidos a seus santuários e as duvidosas inovações daquele rei foram abolidas. A adoração de Marduk continuou e o próprio Ciro dela participava publicamente. Apertando a mão de Marduk, Ciro estava realmente proclamando que reinava como rei legítimo da Babilônia, por designação divina. E colocou seu filho Cambises como seu representante pessoal na Babilônia (BRIGHT, 2003, p. 432).

O triunfo de Ciro, que já havia sido predito, de forma velada, pelos folhetos de *Dêutero-Isaiás* que circulavam entre os judeus, foi motivo de alegria pela libertação iminente e também de conversão para os que se mantiveram infiéis a YHWH durante o exílio. Steinmann destaca que, a partir de agora, “finalmente, o profeta vai poder tirar a máscara e nomear Ciro, num oráculo suntuoso” (STEINMANN, 1976, p. 162). Assim, o oráculo de Is 44,24-28 é o primeiro a apresentar o nome de Ciro dentre os escritos desta segunda parte de *Isaiás*, destacando que YHWH é o verdadeiro Senhor em vários âmbitos: no cosmos, na história e também na palavra, cumprindo promessas e dando ordens eficazes.

Esdras contará em dois relatos (1,2-4 e 6,3-5) o decreto que Ciro publicou no decorrer de seu primeiro ano como rei da Babilônia, ordenando a reconstrução do Templo de Jerusalém e a restituição de todos os tesouros dele saqueados pela ocasião da tomada da cidade por Nabucodonosor. O mesmo decreto foi encontrado nos arquivos de Ecbátana num pergaminho escrito em aramaico, atestando a veracidade de tal relato. Com o decreto, estava consolidado o fim do exílio e a teórica liberdade de Israel.

O apoio e o interesse de Ciro pela reconstrução de Jerusalém a partir do Templo são apenas mais um retrato da política persa. Não se sabe, no entanto, como o caso dos judeus tornou-se para ele conhecido e importante tão rapidamente. Fato é que Ciro agia exatamente de acordo com seus princípios.

Ciro foi um dos governantes realmente de visão dos tempos antigos. Em vez de esmagar o sentimento nacional com brutalidade e deportações, como faziam os assírios, seu intento era permitir que os povos sujeitados, tanto quanto possível, gozassem de autonomia



cultural dentro da estrutura do império. Embora ele e seus sucessores mantivessem um firme controle por meio de uma complexa burocracia – a maior parte dos oficiais eram persas ou medos –, de seu exército e de um eficiente sistema de comunicações, o seu governo não era violento. Pelo contrário, eles preferiam respeitar os costumes de seus súditos, protegendo e promovendo seus cultos tradicionais e, quando possível, dando responsabilidades aos príncipes nativos. A atitude de Ciro diante da Babilônia seguiu exatamente essa orientação (BRIGHT, 2003, p. 433).

Assim, Ciro ganhava o apoio da população Israel sonhava com a reconstrução de sua terra, com o retorno de sua religião e com o restabelecimento da linhagem davídica, e essa seria sua vantagem no acordo com os persas. O interesse na aliança com a Pérsia, no entanto, não era somente por parte dos judeus. Como afirma Mercedes Lopes em *Judá sob o domínio Persa* (2008):

Diferentes expectativas e perspectivas podem ser encontradas nesta aliança: da parte do Império Persa, há um interesse estratégico de que a nova província funcione como guarda-fronteiras e, ao mesmo tempo, como caminho aberto para o Egito; da parte do povo judaíta, visualiza-se um sonho de continuar fazendo história, resgatando a dinastia davídica (LOPES, 2008, p. 109).

Com Judá sob seu domínio e com os judeus aliados a Ciro, a Pérsia podia contar com a garantia do pagamento de tributos e também com um território estratégico para o ataque aos egípcios e também de proteção contra as tentativas de invasão destes últimos.

O processo de reconstrução de Judá não foi simples, pelo contrário. O acordo com a Pérsia foi rompido e retomado, os interesses divergiam, os problemas com os samaritanos interrompiam a construção e aos poucos, Israel se percebeu sob um novo dominador, agora, o Império Persa<sup>4</sup>. Norman Gottwald, em sua *Introdução Socioliterária à Bíblia Hebraica* (1988), afirma que

É evidente que a restauração colonial de Judá prosseguia de maneira vagarosa e por aumentos, em parte porque os persas estavam envolvidos em projetos sobre o vasto império e em parte porque confiavam na liderança de Judá para a restauração da comunidade. Embora os persas proporcionassem segurança militar global e recursos físicos em certa quantidade, levou muito tempo para reconstruir a estrutura socioeconômica enfraquecida de Judá. (...) As alternativas religioso-culturais concorrentes do javismo samaritano e judaíta entrelaçavam-se, por sua vez, com rivalidades socioeconômicas e políticas (GOTTWALD, 1988, p. 403).

Em contraste com a glória de Ciro no *Dêutero-Isaías*, *Ageu* e *Zacarias* levantarão a voz mais tarde, contra o império persa, cujo domínio se estendeu até os anos finais de sua glória, quando em 332, Alexandre, o Grande, dominou a Palestina e submeteu o Império Persa, dando início ao poderio grego sobre aquela região.

---

<sup>4</sup> Este período não é objeto deste estudo, no entanto, um esclarecimento sobre a situação de Israel neste tempo de submissão ao Império Persa pode ser encontrada com riqueza de detalhes em: GERSTENBERGER, Erhard S. **Israel no tempo dos persas**: séculos V e IV antes de Cristo. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

## CONCLUSÃO

“Ó céus, dai gritos de alegria, ó terra, regozija-te, os montes rompam em alegres cantos, pois YHWH consolou o seu povo, ele se compadece dos seus aflitos.” (Is 49,13)

A Pérsia constituiu-se como o primeiro grande Império que a história mundial conheceu. Sua extensão pode ser estimada em mais de cinco mil quilômetros de leste a oeste, e entre mil e três mil quilômetros de norte a sul. Cerca de 30% da população mundial habitava regiões de domínio persa. O auge de sua hegemonia se deu sob o reinado de Ciro, o Grande, rei tolerante, de uma visão política expansionista sem precedentes, que soube fazer-se aclamado pelos povos que conquistava. Quando Ciro morreu por volta de 530 a.C., a Pérsia havia anexado vários territórios, dominado várias nações, executado diversas construções e já contava com três importantes capitais: Susa, Ecbátana e Babilônia. Ciro foi sepultado na cidade de Pasárgada, de onde vinha a tribo que lhe deu origem, num túmulo quase sem adornos, que conserva-se até os tempos atuais e espelha traços de sua personalidade: imponência, poder e simplicidade.

Pode-se concluir, a partir das indicações deste estudo, o valor do período persa para a história de Israel como povo e também para a consolidação do Judaísmo como a religião praticada hoje. Por um lado, a partir do incentivo financeiro e do apoio persa é que foi possível restaurar a religião, o culto e a cidade de Jerusalém após o retorno do exílio babilônico, ainda que, como se sabe, por motivos diversos, não tenha sido possível restaurá-la por inteiro, da forma como era praticada pelos israelitas, antes da tomada de Jerusalém por Nabucodonosor, em 597. Também neste período foi possível concluir as redações dos diversos livros iniciados no exílio, ou mesmo já na Palestina, registrando a memória e a tradição do povo judeu e possibilitando a perpetuação de sua cultura através das gerações. Organizados pouco a pouco, os livros a partir de então redigidos, originaram o conjunto da *Bíblia Hebraica*. Também o período da dominação persa possibilitou o contato desta cultura com o Judaísmo, que, nascente como religião sistematizada, acabou incorporando às suas concepções, muitos dos ideais persas, como sua demonologia e suas ideias escatológicas<sup>5</sup>.

A época do exílio babilônico e da sua libertação constituiu um marco para o povo judeu, paralelo ao episódio do êxodo do Egito. O fim do cativeiro foi um período de forte releitura do passado e de redescoberta da verdadeira face libertadora de YHWH. Do ponto de vista teológico, este é um dos pontos chave na *Bíblia Hebraica* para a compreensão da

<sup>5</sup> Um maior detalhamento do assunto pode-se encontrar em: SOARES, Dionísio Oliveira. As influências persas no chamado judaísmo pós-exílico. **Revista Theos**, Campinas, v. 5, n. 2, dez. 2009.



origem da valorização do sofrimento como situação de encontro com Deus, que ouve o clamor de seu povo, que jamais se esquece de sua aliança, que vê a opressão e que vem salvar e libertar. Também o Cristianismo deve importância a este tempo, pois nele estão contextualizados os principais escritos hebraicos nos quais hoje, numa linha de interpretação cristológica dos *Profetas*, é possível identificar a prefiguração das características de Cristo, numa aproximação de Jesus ao Servo de YHWH que é descrito pelo *Dêutero-Isaías*.

## ABSTRACT

The present study discusses about Israel situation on final years of Babylon exile and the initial period of Persian domination. The Persia rise and the way how Cyrus, the Great, conquered Babylon, contributed to Israel's recognition of him as an envoy of YHWH. The victory of the Persians over the Babylonians could be achieved not only due to the military power of the rising empire, but also because consecutive internal problems in Babylon damaged the unit. In the light of the biblical texts of the Deutero-Isaiah, the work of an anonymous prophet whose activity is located in the final years of exile, we can understand this significant time for the Israel history. Compared to the end of the Egypt captivity, the leaving from Babylon can be understood as a new Exodus. The religious tolerance policy adopted by Persia allowed the return of the Jews to their land and the attempt to rebuild their religion. Such events, located in VI B.C, are of great importance for the understanding of Jewish tradition and the consolidation of Judaism as the religion that today can be known.

**Key words:** Judaism. Exile. Deutero-Isaiah. Cyrus. Persia.

## REFERÊNCIAS

BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Nova edição rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2002.

BRIGHT, John. **História de Israel**. 9. ed. São Paulo: Paulus, 2003.

GERSTENBERGER, Erhard S. **Israel no tempo dos persas: séculos V e IV antes de Cristo**. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

GOTTWALD, Norman K. **Introdução Socioliterária à Bíblia Hebraica**. São Paulo: Paulinas, 1988.

HAHN, Noli Bernardo. Vozes proféticas em Dêutero-Isaías: a recriação da identidade de um povo. **Estudos Bíblicos**, Petrópolis, n. 103, p. 30-43, 2009.

HOLLAND, Tom. **Fogo Persa**: o primeiro império mundial e a batalha pelo Ocidente. Rio de Janeiro: Record, 2008.

LOPES, Mercedes. Judá sob o domínio persa: pactos para dominar e pequenas alianças para abrir caminhos. **Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana**, Petrópolis, v. 61, n. 3, p. 106-114, 2008.

SCHÖKEL, Luís Alonso. SICRE DIAZ, José Luís. **Profetas I**: Isaías, Jeremias. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2004.

SICRE, José Luis. **Profetismo em Israel**: o profeta, os profetas, a mensagem. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

SOARES, Dionísio Oliveira. As influências persas no chamado judaísmo pós-exílico. **Revista Theos**, Campinas, v. 5, n. 2, dez. 2009.

STEINMANN, Jean. **O livro da consolação de Israel e os profetas da volta do Exílio**. São Paulo: Edições Paulinas, 1976.

VV. AA. **Israel e Judá**: textos do antigo Oriente Médio. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1985.

ZABATIERO, Júlio Paulo Tavares. Servos do Império: uma análise da servidão no Dêutero-Isaías. **Estudos Bíblicos**, Petrópolis, n. 18, p. 37-43, 1988.